

O UNIVERSO FECHADO DE *LAVOURA ARCAICA*: TENSÕES

Beatriz Pazini Ferreira¹

RESUMO

Este artigo analisa o universo arcaico de *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, na perspectiva da relação dos conflitos ideológicos, pois o universo do romance é um local de tensão marcado por contradições. A subjetividade germinada da aflição decorre do confronto que o protagonista tem com a família, visto que o jogo conflituoso entre a tradição e as ações de André aponta para a desordem moral. Há um desvio que nasce do conflito ideológico, da tradição, da rebeldia. Neste sentido, aborda-se o embate entre o arcaico, que se evidenciam as diferenças ideológicas familiares, e a resistência rebelde de um jovem.

Palavras-chave: *Lavoura arcaica*, conflitos ideológicos, tradição.

Introdução

O elogio ao romance nassariano, como sendo um dos melhores na ficção brasileira do século XX, da casta de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, pode ser explicado pela perene sedução analítica que desperta interesse e emoção mesmo depois de anos da sua publicação. Os leitores, ao serem inseridos no mundo de André², são postos em um universo delirante, arcaico, já que tanto o enredo (dramático) quanto a linguagem possibilitam devaneios que forcem a imaginação a desprender-se da realidade imediata.

¹ Beatriz Pazini Ferreira – Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM). Este artigo é um recorte (com algumas alterações) da dissertação defendida em julho de 2015 na Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: pazinibia2001@yahoo.com.br

² A fábula conta a história de André, o narrador autodiegético, que decide sair de casa por não mais aceitar a tradição impregnada na família e cujo irmão Pedro, a pedido do pai, vai buscá-lo em uma pensão. A narrativa, por sua vez, é interrompida por analepses frequentes, com lembranças, por exemplo, dos atos sexuais e das angústias de André. Quando o protagonista retorna à fazenda, o pai decide fazer uma grande festa para comemorar a volta do filho. Durante o festejo, Ana, a irmã, incita os desejos de André, comportando-se de maneira lasciva e contrariando os costumes arcaicos impostos pelo pai (faz uma dança sensual e utiliza o vinho para sugerir sedução). Então, Pedro, o irmão mais velho, percebe a atitude da irmã e fala com o pai, revelando o possível relacionamento entre André e Ana. Ao saber disso, o pai mata a filha com uma foice, marcando a tragédia familiar.

A fazenda, espaço maior que abriga os demais (a casa, a casa velha, a capela e o bosque), pode ser vista como um local fechado, interdito, mas, ao mesmo tempo, transitável, onde pecado e pureza se cruzam. Esse espaço carrega muitas significações enquanto universo fechado: nele ocorrem os primeiros contatos sexuais, os incestuosos, o assassinato de Ana pelas mãos do pai, os sermões diários do pai, a incitação ao trabalho e as lembranças ancestrais do avô. Cada local contribui para desenhar este universo tensificado pelas paixões. Dessa forma, a fazenda pode ser entendida como um espaço onde é permitido transitar entre ordem e desordem.

Lavoura arcaica situa-se em um mundo fechado em si, farto de tensões arcaicas, quase (ou isso mesmo) arquetípicos. O romance, para alguns considerado “moderno”, precisaria ainda de melhor fundamentação para esse vínculo. Talvez nem se possa dizer que a reação autocensurada de André seja insuficiente ante seus “desvios” sexuais, o que poderia ser tomado como radical e, portanto, moderno.

O estudo é basicamente dialógico (no sentido de aproveitar a teoria e a crítica) e a abordagem é explicativa no intuito de apresentar o universo arcaico familiar como local de conflitos e tensões, no qual concentramos a ideia de lugar conflituoso: a oposição entre o universo familiar fechado e o desejo libertador. Além disso, pontuamos as questões arcaicas e discutimos a retomada intertextual dos textos antigos reforçando o arcaísmo para expor o universo familiar centrado na tradição, no modo de ser conservador como um lugar ideológico: a defesa severa das tradições, o rigor educativo e as consequências disso em André.

Lavoura arcaica: um universo fechado

Há, em *Lavoura arcaica*, duas grandes instâncias éticas: a familiar (de forte base religiosa), que se apresenta estática, fechada, e desestabiliza o narrador, levando-o a abandonar sua casa, e a de André, talvez uma antiética. A família é patriarcal, rígida e moralista, impedindo qualquer um de contrariar os ensinamentos pregados pelos representantes patriarcais, o avô de André, depois seu pai, Iohána, seguido do seu irmão mais velho, Pedro. Há, então, uma hegemonia masculina, no que se refere àqueles que têm o domínio dos ensinamentos. A austeridade moral familiar, de força milenar, impedia André de revelar e vivenciar seus desejos recônditos, ao que parece, estimulados inicialmente pelos afagos da mãe. O sexo com a cabra, com Ana e,

possivelmente, com o irmão, Lula, contraria os velhos (e novos) ensinamentos, talvez, que ultrapassem a tradição familiar. Lima (2006) considerou as obras de Nassar transgressoras, visto que procuram apresentar a visão de um mundo frustrado. Essa autora ressaltou que as personagens vagam perdidas por um mundo dito sem sentido, porque os vínculos afetivos, além da ordem social, e até mesmo o amor, acentuam as contradições. No caso de *Lavoura arcaica*, isso ocorre pelo fato de o pai pregar a união e o amor familiar: “O amor, a união e o trabalho de todos nós junto ao pai era uma mensagem de pureza austera guardada em nossos santuários” (NASSAR, 1989, p. 20).

A família, em *Lavoura arcaica*, constitui um mundo fechado, construído a cada geração, estruturado na religião, na moral e nos bons costumes arraigados pelos sermões diários de Iohána, que busca sempre impor normas. O patriarca tem nome cristão, com sinais libaneses ou árabes e com ressonâncias latinas, forjando o arcaico como reforço da tradição. Essas marcas dificilmente lembrariam uma família que possuísse liberdades modernas, uma vez que o romance recusa-se a apresentar sinais ou situações recentes. Prega-se, por exemplo, a união familiar por meio do amor, do trabalho e do tempo. Parecem verdades cristalizadas e irremovíveis: “eram pesados aqueles sermões de família [...] era essa a sua [a do pai] palavra angular, era essa a pedra em que tropeçávamos quando crianças essa a pedra que nos desolava a cada instante, vinham daí as nossas surras e as nossas marcas no corpo” (NASSAR, 1989, p. 41).

Por serem imigrantes de família libanesa, cultural e simbolicamente, a casa árabe é quadrada e fechada, e encerra em seu centro um jardim ou fonte: é um universo fechado, cujo jardim central é uma evocação ao éden, aberto à influência celeste. A casa abriga a tradição construída em milênios, por isso, o sujeito deve estar preso às regras culturais e aos costumes da coletividade:

[...] pois bastava que um de nós pisasse em falso para que toda a família caísse atrás; e ele falou que estando a casa de pé, cada um de nós estaria também de pé, e que para manter a casa erguida era preciso fortalecer o sentimento do dever, venerando os nossos laços de sangue, não nos afastando da nossa porta [...] (NASSAR, 1989, p. 21).

A imagem da casa, para André, é o reflexo do arcaico, da prisão ideológica, da repressão, da censura e do silenciamento. O pai é o guardião da família, aquele que tem o poder nas mãos e nas palavras. Nesse sentido, a casa recebe alguns significados

contrários aos comuns: de que é um grande berço que abriga o devaneio e protege o sonhador (BACHELARD, 1993, p. 201). André não consegue fazer parte de sua família, abrigada no espaço tradicional. Ele não está em sintonia com a vasta lavoura arcaica; pelo contrário, quer se libertar, refugiar-se em um local onde seus desejos possam ser devaneados, sem culpa ou regra. Ele sabe que suas emoções e suas paixões são expressões de pecado.

A família surge como componente importante da/na constituição dos sujeitos e de sua(s) identidade(s), por ser uma das instituições sociais mais antigas. Com força, ela consolida práticas de cristalização de costumes, normas, e expressa relações de poder em diferentes épocas e culturas. A família tradicional é um impasse para o protagonista do romance, por isso ele se revolta. Por esse motivo, o romance grita contradições, tabus e enfrentamentos que se prendem às tradições, ao mundo do rapaz que escapa do eixo. Jonatas Aparecido Guimarães (2013) entende que a dissolução das instituições sociais cristalizadas, representadas pelo tradicionalismo familiar patriarcal e suas relações de poder, aponta para questões existenciais sobre o lugar do homem dilacerado pelas forças da cultura e de uma história fragmentária. De fato, cada membro da família de André é apresentado como tendo uma essência arcaica e tradicionalista, principalmente quando se refere ao “galho da direita”, em que se encontram, além de Pedro, as irmãs Rosa, Zuleika e Huda; e o “galho da esquerda”, com Ana e Lula, os quais, juntamente com a matriarca, tendem a romper o código ético familiar adotado há milênios. Em suas exasperações, André convida a mãe para partilhar seu desejo de mudança:

[...] eu e a senhora começamos a demolir a casa, seria agora o momento de atirar com todos os pratos e moscas pela janela o nosso velho guarda-comida raspar a madeira, agitar os alicerces, pôr em vibração as paredes nervosas, fazendo tombar com nosso vento as telhas e as nossas penas em alvoroço como se caíssem folhas [...] (NASSAR, 1989, p. 66).

Devido às ações conflituosas, a família entra em crise, demonstrando que as relações de poder se abalam ao sabor dos desentendimentos. A repressão se faz (ou é mais sentida) principalmente pelas atitudes sexuais de Ana e de André, e isso é visto, pela família (e socialmente), como uma postura desafiadora e, portanto, proibida. O pai,

então, decide assassinar Ana como se ela fosse a raiz que amaldiçoou toda a família. O incesto marca o “erro” trágico. André não aceita, pela imoralidade violenta, estar presente no espaço tradicional do pai. Assim como Ana, que mesmo sendo uma personagem que não possui voz, também se sobressai como elemento desarticulador familiar, e André passa a ser o agente que consuma o proibido movido por múltiplos desejos sexuais, entre eles, pela irmã Ana. As atitudes tomadas de forma instintiva resultam no padecimento das personagens, tornando-as emocionalmente fragmentadas. A volta de André para a casa intensifica os momentos de reflexão. Ele retorna devido à insistência do irmão Pedro, a pedido do pai. Sua culpa não cessa: “eu senti nos seus braços [de Pedro] o peso dos braços encharcados da família inteira [...] eu senti a força poderosa da família desabando sobre mim como um aguaceiro pesado” (NASSAR, 1989, p. 09). A liberdade não parecia fazer parte dos princípios dessa família tradicional. Tal fato configura-se como marca de autoritarismo, isto é, “o sujeito não pode ocupar diferentes posições: ele só pode ocupar o lugar que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito” (ORLANDI, 2007, p. 79). André não se cala, não se detém, vai para o enfrentamento: não é paciente e a mesa se tornara um lugar doutrinário com os sermões diários do pai, seguidos sempre da parábola do faminto, a fim de incutir o exercício da paciência. O tom repreensivo, principalmente de Iohána, acompanha todas as angústias do filho rebelde: “Pedro, meu irmão, eram inconsistentes os sermões do pai, eu disse de repente com a frivolidade de quem se rebela” (NASSAR, 1989, p. 47).

A família é desestruturada pelos atos transgressores de André, que busca o exílio como forma de amenizar sua angústia e sair dos laços repressivos, das reprimendas paternas:

[...] trazem na mão a chave, mas se esquecem que ela abre, e, obsessivos, afligem-se com seus problemas pessoais sem chegar à cura, pois recusam o remédio; a sabedoria está precisamente em não se fechar nesse mundo menor: humilde, o homem abandona sua individualidade para fazer parte de uma unidade maior, que é de onde retira sua grandeza: só através da família é que cada um em casa há de sossegar os próprios problemas, é preservando sua união que cada um em casa há de fruir as mais sublimes recompensas; nossa lei não é retrain mas ir ao encontro, não é separar mas reunir, onde estiver um há de estar o irmão também [...] (NASSAR, 1989, p. 146).

O retorno ao seio familiar, após a fuga, confere a André certa força para que possa ir ao encontro do pai e enfrentá-lo. O pai o repreende e demonstra que o desvio não pode fazer parte da instituição tradicional, por tanto tempo empregada na família. André confronta o pai: “por ora não me interessa pela saúde de que o senhor fala, existe nela uma semente de enfermidade [...] se eu depositasse um ramo de oliveira sobre esta mesa, o senhor poderia ver nele simplesmente um ramo de urtigas” (NASSAR, 1989, p. 160-166).

A censura é um modo de interdição, de impor silêncio entre um eu e um tu, porque “estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala” (ORLANDI, 2007, p. 77). O episódio acentua a força do discurso paterno, detentor de uma série de preceitos tradicionais, carregados de certezas, não podendo ser quebrados, contra-argumentados. Essas exigências estabelecem situações de conflito que atormentam o protagonista. A (des)fragmentação do seu “eu” é resultado da imposição de regras. André blefa em relação ao seu ato rebelde, pois, depois de fugir, retorna ao seio da família. Sofre, mas parece querer rever a irmã.

A família, em *Lavoura arcaica*, repete o arquétipo das famílias patriarcais que também repetem modelos tradicionais de hierarquização: o pai, a mãe, os filhos mais velhos, os filhos mais novos. André fere esse arquétipo (quer poder maior que o pai) e rompe os interditos, confrontando ironicamente a mensagem diária do pai: “o amor na família é a suprema forma da paciência; o pai e a mãe, os pais e os filhos, o irmão e a irmã: na união da família está o acabamento dos nossos princípios” (NASSAR, 1989, p. 60).

O arquétipo familiar instituído por Iohána foi frágil, pois não houve respeito e consenso na distribuição dessas leis e, por isso, elas desmoronaram. A mãe parece ter sido a fonte primária do desequilíbrio que germinou em André, Ana e Lula a impaciência frente ao modelo de ordem patriarcal. Ana poderia passar como o arquétipo da mulher fatal e destruidora, visto que possivelmente foi por meio dela que as angústias e o desespero de André começaram a se aflorar. Sendo assim, a mãe seria a precursora. Em *A família em desordem*, Roudinesco (2003 p. 41) faz uma análise cronológica sobre os conceitos de família impregnados na nossa sociedade. Ela notou que, por um tempo, o reino do matriarcado foi apresentado como fonte de caos, de

anarquia e de desordem, principalmente na Idade Média, opondo-se ao do patriarca, do sinônimo de razão e de cultura. Souza (2012), por sua vez, entende que Nassar cria uma típica família patriarcal, com moldes arcaicos, em que o patriarca se configura como autoridade maior, devendo a mulher e os filhos serem subordinados a ele. Já “a condição feminina é marcada pela ausência ou pelo silêncio, já que a tradição postula a hegemonia masculina. Às mulheres são destinadas as tarefas do lar, o papel de boa mãe, boa esposa, boas filhas, submissas e obedientes” (SOUZA, 2012, p. 37). Essa família patriarcal não deixa de ter, contudo, peculiaridades trágicas, no caso do romance aqui abordado.

As evocações de espaços e objetos antigos são parte integrante do universo do narrador, preso à força tradicionalista familiar. As descrições reforçam o arcaísmo também simbólico transmitido pelo narrador, mesmo que ele queira se distanciar das tradições, também embutidas nele: “eu estava deitado no assoalho do meu quarto, numa velha pensão interiorana, quando meu irmão chegou pra me levar de volta” (NASSAR, 1989, p. 07). O afastamento de André configura um afrontamento para a família, uma tentativa de se desvincular do arcaico, porém, ainda assim, o tradicional continua impregnando-o, pois faz parte da vivência familiar, representada por espaços e, até mesmo, objetos que ratificam o passado. No retorno à casa paterna, fica evidente que essa tradição também vive contraditoriamente no protagonista, mesmo que lute contra, mesmo que ele alivie essa tensão por meio de manifestações sexuais exacerbadas, demonstrando que vive em um mundo agônico e conflituoso. Desse modo, ele mesmo se define como um jovem “epilético”. Essa angústia tem relação direta com as tensões familiares geradas pelos tabus da sexualidade e da interdição.

As reservas da família reprimem e, ao mesmo tempo, estimulam os desejos de André, voltados principalmente para Ana. A mãe parece ter sido excessiva nos afagos sensuais que, provavelmente, o impulsionaram ao prazer liberto de qualquer regra, marcando um jovem de caráter transgressor, que encara e debate a moral social e até mesmo religiosa. A violação dos preceitos é vista, principalmente, por meio do erotismo, o que marca a exaltação ao sexo mediante o recurso poético, a partir das ambiguidades e das paródias distorcidas, cuja exposição se processa linguisticamente mediante o recurso poético.

André foge em busca de liberdade, vai além das divisas do pai. É um adolescente tentado por uma das proibições mais contundentes da sociedade: o incesto. Desvia-se das regras patriarcais e sociais juntamente com a irmã, Ana. Eles concretizam a relação interdita, demarcando interferência forte na ordem das relações instituídas. É ela, a sexualidade exacerbada, que separa os irmãos do seio da família e que desarticula a ordem familiar. São várias as passagens em que situações sexuais no romance forçam o destaque dessa linha temática tensiva, desde a cena inicial, no quarto de pensão, até o momento da “festa-trágica” do retorno. Apontemos algumas: a masturbação, a relação com a cabra Sudanesa (Shuda), o incesto com a irmã, a relação com a mãe (viés edípiano), a possível relação com o irmão (Lula) e o prazer do contato com a terra no momento da dança sensual de Ana. Em todas essas passagens, o narrador funde a informação erótica à retórica poética com elevação da subjetividade.

André se definiu como “epilético”, como doente, para o irmão Pedro (talvez para tentar justificar suas ações transgressoras) quando este foi buscá-lo na pensão:

[...] eu sou um epilético’ fui explodindo, convulsionado mais do que nunca pelo fluxo violento que me corria o sangue ‘um epilético’ eu berrava e soluçava dentro de mim [...] eu fui gritando ‘você tem um irmão epilético’ fique sabendo. Eu estava era confuso, e até perdido, e me vi de repente fazendo coisas, mexendo as mãos, correndo o quarto, como se o meu embaraço viesse da desordem que existia a meu lado (NASSAR, 1989, p. 13 e 39).

Seu discurso é o de um rapaz atormentado, devido ao mundo tenso em que vive: A tensão e a explosão sintomatizam seu dilema sexual. André é um adolescente que ajusta sua rebeldia à sexualidade também como provocação, a fim de atingir a tradição familiar que não consegue afinal renegar: “eu quero ser feliz, eu, o filho torto, a ovelha negra que ninguém confessa, o vagabundo irremediável da família, mas que ama nossa casa, e ama esta terra, e ama também o trabalho, ao contrário do que se pensa” (NASSAR, 1989, p. 119). No entanto, ele não se redime, porque, depois do incesto, implora e tenta convencer Ana a fazer parte do seu “plano” de instituir uma nova ordem familiar. Nesse momento, André é surpreendido pelo silêncio dela, sinal provável de recusa. A partir desse silêncio, o protagonista nota, pela continuação de seu desejo, que os princípios que sustentavam a família e a moralidade cristã não podem ser

substanciados. O silêncio de Ana oferece lugar para, mais uma vez, explodir um sujeito desequilibrado emocionalmente, discursando em tom agressivo.

Ana Paula Rangel Rocha (2005)³ tratou do mal-estar próprio da adolescência, projetando a teorização psicanalítica sobre o assunto na história de André e de sua família, que valoriza o modo de vida austero, centrado na união de todos em torno do trabalho, da lavoura, do amor, mas, principalmente, em torno da figura do pai. Rocha (2005) justificou a posição tensa de André e comentou que, pela agonia e pela impaciência, a narrativa assume um tom de revolta e contestação, porque se trata também de um conflito de gerações. Para a crítica, André realizou a passagem da adolescência, complicada para qualquer indivíduo, mas que só foi possível, pois ele ainda era guiado por um modelo familiar, mesmo que rígido (mesmo que ele lutasse contra), possibilitando uma ancoragem e uma saída para o sujeito. O próprio narrador enfatiza sua condição de adolescente cheio de desejos.

Informa Rocha (2005) que a puberdade acarreta mudanças no erotismo infantil e instaura a passagem para uma nova forma de desejo sexual, devendo o sujeito unir as correntes pulsionais sexuais. É por meio desses impulsos sexuais que André confronta o pai e seus ensinamentos tradicionais (operados pelas leis da paciência, do trabalho e da família). O incesto é um dos atos (o principal) que provoca a desunião familiar, sendo a prática catalisadora da tragédia em relação à moral, à religiosidade e à ética, às forças ideológicas construídas ao longo do tempo, por gerações.

Renato Cury Tardivo (2008) entende que o desequilíbrio de André é reflexo da atmosfera agônica do ambiente familiar. O jovem questiona sua condição e revela, por meio de sua loucura sexual, outra loucura, aquela alimentada pelos sermões do patriarca. O grande lema do romance, segundo Tardivo (2008), é o paradoxo: o discurso do pai respalda a união da família e, mais amplamente, a ordem, a civilização. No entanto, constata-se que essa ordem, ao ser levada às últimas consequências, implica justamente a morte desse pai que, ao descobrir o incesto, em clima de tragédia, mata a filha, seguindo-se a destruição da família. Ainda de acordo com Tardivo (2008), as teorias psicanalíticas irão chamar isso de *figura do superego petrificado*, antes ocupada

³ Rocha (2005) apresentou algumas questões sobre a adolescência em *Lavoura arcaica*. C.f. ROCHA, Ana Paula Rangel Rocha. *Lavorando sobre o arcaico: o trabalho psíquico da adolescência*. In. 1 Simpósio Internacional do Adolescente. Queimados, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000200068&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 04 out. 2015.

pelo avô, agora por Iohána, forçando a temporalidade cíclica: “era ele [o avô] na verdade nosso veio ancestral” (NASSAR, 1989, p. 44). Trata-se, ao fim, de um interdito coletivo, amplo, que vai além da família. Cláudia Campolina Tartágia (2011) investigou a relação do erótico com o interdito, tecendo algumas considerações sobre as atitudes de André, sobre sua sexualidade exacerbada, visto que ele cultua o sexo de diferentes formas, tanto para aliviar suas tensões quanto para provocar (talvez inconscientemente) o pai. Tartágia (2011) sustenta que foram os próprios ensinamentos do pai em prol da união, geralmente à mesa dos sermões, que levaram André a cometer incesto e, em seguida, houve a tragédia familiar⁴.

André parece padecer em seu egoísmo e, por isso, não encontra a totalidade existencial, pois é problemático e fracionado diante das forças éticas que perpassam o tempo: “[...] eu disparava na embriaguez (que vinho mais lúcido no verso destas minhas pálpebras!), me pondo a espiar pelas frinchas feito bicho, acenando com minha presença dentro da casa velha [...] transmitíamos à distância os nossos códigos proibidos [...]” (NASSAR, 1989, p. 92). Pablo Pacheco (2013) avaliou a personalidade do protagonista e afirmou que “a obra é carregada de altíssima voltagem lírica, com uma temática forte que aborda, num mesmo tempo, religiosidade, castração, incesto e busca da liberdade”. Para ele, o “plano” de André em destruir a tradição transformou o enredo em tragédia⁵: “[...] tenho dezessete anos e minha saúde é perfeita e sobre esta pedra fundarei minha igreja particular, a igreja para o meu uso, a igreja que frequentarei de pés descalços e corpo desnudo, despido como vim ao mundo [...]” (NASSAR, 1989, p. 87).

André é um adolescente compulsivo que afronta violentamente as normas quando foca, em Ana, o seu amor erótico, vendo nela a possibilidade concreta de união sexual. A sexualidade, então, é o ponto de partida (e de chegada) da história. Toda trajetória do protagonista mostra-o tentando se livrar do tradicional pela sexualidade,

⁴ Michel Foucault, em *História da sexualidade I*, informa que a sexualidade é socialmente construída e normalizada. As relações sexuais e os desejos são, ao mesmo tempo, incitados e reprimidos. A proibição apenas intensifica e incita o sexo, sendo este manifestado por meio de várias instituições, como a Igreja, a escola e a família. Portanto, o dispositivo da sexualidade é o que levanta proibições e cria o próprio desejo e o sexo. C.f. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

⁵ Pacheco entrevistou o professor e ensaísta mineiro, Bruno Cursino Mota, que lançou o livro *A Lei e o desejo: embates discursivos em Lavoura arcaica*, em Agosto de 2013, resultado da dissertação defendida em 2002, na Universidade Federal de Uberlândia. C.f. PACHECO, Pablo. *Lavoura arcaica* inspira professor e ensaísta mineiro Bruno Cursino Mota. In Entretenimento. *Correio de Uberlândia*, 01 de Agosto/ 2013. Disponível em <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/entretenimento/lavoura-arcaica-inspira-professor-e-ensaista-mineiro-bruno-cursino-mota/>>. Acesso em: 14 de out. 2015.

justamente pelo fato de o pai podar o mundo das paixões. Essas ações são vistas como transgressoras, conforme Miguel Heitor Braga Vieira (2007) salientou: a ultrapassagem das regras arraigadas pela tradição é vista nas questões sexuais, religiosas, familiares e sociais de André. Vieira (2007) verificou que, na ordem de publicação das obras do autor, houve uma perda de energia transgressora gradual, porque primeiro ele trabalhou com dois textos transgressores e, depois, acentuou-se um tom ameno e complacente. Para o articulista, a transgressão é um mecanismo de crítica cultural, em que o amor, o comportamento social e os temas polêmicos da contemporaneidade são questionados e, às vezes, recusados por meio da abstenção ou da interferência.

A paixão e o prazer carnal são cultuados e consagrados pelo narrador como prioridades, contrariando os ensinamentos do pai: “[...] minha mão, pouco antes dinâmica e em dura disciplina, percorria vagarosa a pele molhada do meu corpo, as pontas dos meus dedos tocavam cheias de veneno a penugem incipiente do meu peito ainda quente [...]” (NASSAR, 1989, p. 8). Marcela Magalhães de Paula (2008) discutiu as questões místicas e históricas do corpo e do discurso erotizado. Observou que o corpo é cultuado, idolatrado, já na primeira página do romance: “[...] entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo [...]” (NASSAR, 1989, p. 07). André sente, no quarto da pensão, um ambiente subjetivo, apto a atenuar suas tensões sexuais. Na casa, o local que abriga o arcaico, vivencia as regras do pai e as lembranças do avô, mas essa casa também está impregnada de ações exacerbadas do filho rebelde. O quarto, além de favorecer as manifestações eróticas, situa a experiência da santidade: “Elas não são equivalentes, ao contrário; mas são ambas linguagens que se tornam comunicáveis, pois fazem parte da experiência humana” (PAULA, 2008, p. 42). Kátia Klassen (2002) considerou que a casa, além de nutrir o amor sagrado, desenvolve a erotização do sagrado em relação ao desejo carnal. O pai manifesta um discurso ríspido em que prega, com firmeza, seus ensinamentos, principalmente quando assume que o mundo das paixões leva ao desequilíbrio e à desunião familiar: “erguer uma cerca ou guardar simplesmente o corpo, são esses os artifícios que devemos usar para impedir que as trevas de um lado invadam e contaminem a luz do outro” (NASSAR, 1989, p. 56).

A tragédia familiar e as tensões individuais, em *Lavoura arcaica*, decorrem imediatamente das condutas sexuais. De um lado, o impulso físico, sujeição instintiva, a

prática sexual. De outro, a vigilância das normas, o esforço (principalmente de Iohána) para domar o acosso aleatório do desejo sexual. Este é o conflito básico da fábula: o interdito e sua contradição. Quando Ana contraria, com o irmão, o mandamento familiar (e milenar), o sentimento do extravio se apresenta, inclusive, pelo que não se diz diretamente, como no caso de Ana, que não tem voz. Todavia, é ela a que rompe com o interdito e a que se sujeita a ele. Essa personagem acumula desejo, paixão, arrependimento e fé, poetiza com o irmão André atravessar os limites da norma “ela estava lá deitada na palha” e, ao mesmo tempo, opõe-se ao ato incestuoso: refugiando-se na capela, a fim demonstrar arrependimento: “Ana estava lá, diante do pequeno oratório, de joelhos” (NASSAR, 1989, p. 116). Ana parece ser uma personagem conflituosa (refugia-se na capela depois do relacionamento sexual com o irmão) assim como André, diante das barreiras que a família impõe. Também é aquela que desafia frontalmente, por meio de suas ações, as leis familiares e faz o pai quebrar suas próprias regras, provocando o desequilíbrio fatal: “mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!) desfraldando-o com a mão erguida acima da cabeça enquanto serpenteava o corpo, ela sabia fazer as coisas, essa minha irmã” (NASSAR, 1989, p. 191). Sem qualquer manifestação verbal, ela se mantém no silêncio arrebatador e fala com o corpo, como na festa. Esse silêncio dela (de palavras), mais uma vez, parece ser a resposta à voz dominadora do patriarca, visto que se rebela adotando a dança sensual para mostrar a todos seu rompimento com as divisas da proibição: “Ana, sempre mais ousada, mais petulante, inventou um novo lance alongando o braço, e, com graça calculada (que demônio mais versátil!), roubou de um circundante a sua taça” (NASSAR, 1989, p. 188-189).

André quer transgredir, e esse posicionamento reflete descentramento, conflito, resultando em desilusão e em agonia. Suas condutas norteiam para a revolta e para o atrevimento, a fim de combater as ordens, porque não se deixa dominar pela repressão, embora acabe sufocado por ela. André e Ana foram formados e se desenvolveram em uma atmosfera de interditos. Por isso, o protagonista deseja transpor as proibições em discurso questionador e, ao mesmo tempo, agônico: “Desde a minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! Tinha textura a minha raiva) [...] não faz mal a gente beber, eu berrei transfigurado” (NASSAR, 1989, p. 33 e 39). Livra-se do silêncio, quando Pedro se comporta como o pai, podando as manifestações da carne,

proibindo-o de beber Nos passeios, quando escapa do trabalho na fazenda, deixa claro seu plano de atravessar os limites da interdição: “fundarei minha igreja particular [...] eu tinha simplesmente forjado o punho, erguido a mão e decretado a hora: a impaciência também tem os seus direitos!” (NASSAR, 1989, p. 87-88).

As duas lavouras se enfrentam (ordens do pai e “nova ordem” de André), permanecendo, no primeiro momento, a consolidação tradicional, a qual, no entanto, fragmentar-se-á quando os irmãos avançarem os limites da cerca. A instauração de uma nova lavoura marca o fim do império arcaico e a ruína familiar. Resta, então, ao narrador, manifestar seus valores primitivos e sufocar sua agonia, seu desejo e sua impaciência, por isso, ao final da narrativa, retoma o discurso do pai: “Em memória de meu pai, transcrevo suas palavras [...]” (NASSAR, 1989, p. 193).

O protagonista provoca a tradição, as regras, por meio do prazer sexual e entende que, pela consumação do sexo, tem o poder para validar a posse do outro, nesse caso, da própria Ana. O narrador tem controle da narrativa e confessa os atos sexuais cometidos (principalmente quando transgride a moral) como ato natural, sendo a “naturalidade” inundada pela retórica poética, o que instaura, portanto, o discurso lírico. O caminho que leva ao jogo estilístico poético, nessa confissão de sexualidade, exige antes argumentar um pouco historicamente sobre o erotismo, até como forma de compreender certa dinâmica psicológica que preside esse jogo. Sabemos que o erotismo é comportamento universal, que atravessou tempos e espaços, e acabou, na arte, ajustado, retoricamente, para servir à estética literária.

Considerações finais

Lavoura arcaica configura uma subjetividade marcada por forte emotividade e pela angústia do narrador, devido aos conflitos vividos no seio da família tradicional, fechada. Não é fácil sustentar a ideia de um jogo opositivo entre arcaico e moderno. Para nós, o “moderno” não está no texto como um projeto, embora possa estar nas intenções autorais. Nesse sentido, as emoções demarcadas no discurso do narrador são medidas pela retórica poética, pelas formulações imagéticas que evitam o mundo moderno.

O estudo constatou que, devido aos conflitos familiares, principalmente no que tange à moralidade tradicional, instaura-se no rapaz uma desordem emocional, vista nas

ações que rompem com instâncias éticas; por isso o universo familiar é fechado e repleto de conflitos e de tensões. A postura arcaica do narrador (ou do autor implícito) chega, inclusive, a aproveitar as marcas intertextuais tradicionalistas (intertextos orientais) e o gênero tragédia (relacionado ao modelo clássico edípiano). Esse universo familiar fixado na tradição, no modo de ser conservador, demarca o lugar ideológico de André (fonte dos conflitos). Então, a interdição moral dá a ele uma oportunidade para movimentar sua índole rebelde, ou seja, para enfrentar a figura paterna desde o início, mas com mais intensidade a partir do momento que o irmão Pedro chega para buscá-lo na pensão.

Fugir ao comportamento social imposto pela doutrina paterna resulta no encontro com a intimidade solitária, desajustada, e leva o protagonista a buscar conhecer as verdades silenciadas e fechadas de cada membro de sua família. No jogo entre dois universos antagônicos, ocorre a resistência do jovem em confronto com as normas fechadas e enraizadas proposta pela tradição familiar.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Daneis. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Graal, 1988.

GUIMARÃES, Jonatas Aparecido. *Profusões barrocas: uma leitura do romance Lavoura arcaica*, de Raduan. Dissertação (Mestrado em Letras)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

KLASSEN, Katia. *Um estudo sobre o espaço em Lavoura arcaica*. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes: Curitiba, 2002. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24469/D%20-%20KLASSEN,%20KATIA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 de out. 2015.

LIMA, Leal Thayse. *O mundo desencantado: um estudo da obra de Raduan Nassar*. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-6SJH6N/dissertacao_thayse_leal___2006.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 de out. 2015.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas-SP: Pontes, 2007.

PACHECO, Pablo. “*Lavoura arcaica*” inspira professor e ensaísta mineiro Bruno Cursino Mota. In. *Entretenimento*. Correio de Uberlândia, 01 de Agosto/ 2013. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/entretenimento/lavoura-arcaica-inspira-professor-e-ensaista-mineiro-bruno-cursino-mota/>>. Acesso em: 14 out. 2015.

PAULA, Marcela Magalhães de. *O corpo e o verbo na obra Lavoura arcaica de Raduan Nassar*. Fortaleza: UFC, 2008. F. 134 ; Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, , 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3429/1/2008_DIS_MMPAULA.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

ROCHA, Ana Paula Rongel. *Lavorando sobre o arcaico: o trabalho psíquico da adolescência*. An. 1 Simp. Internacional do Adolescente. Queimados, RJ 2005. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200068&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 04 out. 2015.

ROUDINESCO, Elisaberh. *A família em desordem*. Trad. Andre Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SOUZA, Jacqueline Ribeiro de. *Discurso e subjetividade em Lavoura arcaica*. Dissertação (Mestrado em letras)-Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2012. Disponível em: <http://www.cch.unimontes.br/ppgl/admin/arquivos_upload/banco_dissertacoes/66.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

TARDIVO, Renato Cury. *A escrita de luz na tela em Lavoura arcaica*. [blog na internet]. [Ateliê editorial]: Renato Cury Tardivo. [2011 Setembro]. Disponível em: <<http://blog.atelie.com.br/2011/09/a-escrita-de-luz-na-tela-em-lavoura-arcaica/#.U3dT3vldVqV>>. Acesso em: 15 out. 2015.

_____. *Da literatura à psicanálise implicada em Lavoura arcaica*. Mudanças – Psicologia da Saúde, 16 (1), Jan-Jun 2008, 43-50- A ARCAICA Copyright 2008 pelo Instituto Metodista de 43. Ensino Superior CGC 44.351.146/0001-57. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/viewFile/912/971>>. Acesso em: 04 out. 2015.

TARTÁGLIA, Cláudia Campolina. *Lavoura arcaica: a sexualidade e o amor interdito*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior. Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <<http://www.cesjf.br/index.php/mestrado-em-letras>>

dissertacoes/2011/52-lavoura-arcaica-a-sexualidade-e-o-amor-interdito/file>. Acesso em: 04 out. 2015.

VIEIRA, Miguel Heitor Braga. *As obrigações da ordem e os chamados do desejo: a transgressão na obra de Raduan Nassar*. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Estadual de Londrina, 2007. Disponível em <http://www.faficp.br/centros/d_letras/mbvieira/txt/ar-mbv02.pdf>. Acesso em: 02 out. 2015.

THE ARCHAIC UNIVERSE OF *LAVOURA ARCAICA*: TENSIONS

ABSTRACT

This article analyzes the archaic universe of *Lavoura Arcaica* (1975), by Raduan Nassar, in the perspective of the relation of ideological conflicts, as the universe of the novel is a local of tension marked by contradictions. The germinated subjectivity of distress elapses from the confrontation that the protagonist has with family, since the conflicting game between tradition and the actions of André points to the moral disorder. There is a deviation born of ideological conflict, from tradition, from rebelliousness. In this regard, it addresses the clash between the archaic, which highlight the familiar ideological differences, and the rebel resistance of a young man.

Keywords: *Lavoura arcaica*, ideological conflicts, tradition.

Recebido em 29/10/2015.
Aprovado em 16/12/2015.